

ENSAIOS LITTERARIOS

DO

ATTENEU PAULISTANO.

N.º 1. — Agosto de 1852.



INTRODUÇÃO.

Rompendo por entre os ataques do indifferentismo, transpondo os obstaculos creados pelo receio e incerteza de seguir a senda tão risonha de seu passado, eis renascidos os “Ensaio Litterarios.” Animados de esperanças, cheios de vida proseguirão elles em seu caminhar, se no mundo, onde são lançados no tropel dos acontecimentos, respirarem o mesmo ar benefico, que lhes afagou a infancia, dando-lhes forças para resistir aos golpes atirados pelos inimigos das lettras.

Herdeiros de tradições gloriosas, com a fronte cingida de louros immarcessiveis, não os desmentirão, se a fama está sempre em proporção das lucubrações do espirito humano, dos esforços e actividade da razão; se a victoria é a corôa, que resplandece nos feitos do destemido combatente. Expandir as forças do pensamento que nasceu para soberano do mundo e não para fazer sua séde no estreito espaço do individualismo, tal é a missão a que se propõe. Mas as forças do pensamento se dirigem para a vastidão das existencias, para a universalidade dos seres e suas extensas relações — Os Ensaio Litterarios não ousão

tanto pretender. Suas aspirações não vão tão longe, suas vistas e ambições são mui limitadas—a litteratura é o theatro, em que tem de viver, onde por certo se teráo de manifestar as oscillações do espirito juvenil, que aneeia a verdade. O gyro é vasto—o horisonte immenso, e pois só os objectos de mais vulto teráo de attingir vistas pouco perspicazes no vasto pégo das concepções.

O bello e a verdade são os dous grandes fócios de luz, cujos reflexos teráo de illuminal-os no mundo da publicidade. Sendo elles centros de verdades tão syntheticas, de relações tão varias não é possivel conceber nem mesmo a idéa de encaral-os em toda a sua plenitude. Os “Ensaios” almejam esboçar as idéas que, partindo desses pontos tão brilhantes e fecundos, despontem no horisonte de seu pensar; e quando contemplarem esse manancial das mais divinas inspirações—o bello, exprimir as fracas imagens que se lhe pintarem n’alma, ou quando folhearem as paginas de um Dante ou Petrarca, Lamartine ou Hugo, traçar os prazeres da imaginação e do gosto, que se lhe despertarem na occasião e as observações suggeridas pelo espirito critico, embora nascente.

Se forem animados seus exforços pela opiniaõ, felizes dias correrá sua vida, e sua morte não será ingloria; mas se o céo sempre negro e prenhe de tempestades difficultar-lhes a viagem e ameaçar-lhes a queda saberáo morrer se assim fadar-lhes o destino, porque lhes arde no peito a crença de que lançarão uma pedra para a construcção do edificio—animação as lettras— e contribuirão para que se regenere a sociedade desse espirito de indifferentismo tão pernicioso, que domina a geraçã actual, filha da geraçã de Cabanis, Lalande e Voltaire, no dizer de um

celebre litterato, que soube deixar á posteridade um nome, á nossa patria, e á humanidade indizivel saudade e o reconhecimento de seus talentos.



**Cartas ao author dos artigos — Ensaios — da
« Revista Litteraria. »**

PRIMEIRA CARTA.

Illm. Sr. — Dizeis que a calumnia açulada pela inveja vos tem grangeado zoilos covardes e occultos, que desafiaes a combate. Pôde ser; o mundo está cheio de invejosos e calumniadores das reputações de que estão separados pelo oceano do impossivel — oceano immenso e profundo, em que não ha vélas, nem vapores. Tende porém a bondade de acreditar que o auctor destas cartas não sahe á campo por tomar á si o cartel que mandastes imprimir em nota aos vossos artigos, porque a sua franqueza não vos é desconhecida. Ficae tambem certo de que não me cabe n'alma a tamanha vaidade de disputar-vos na arena da Philosophia a palma da victoia.

Embainhae por tanto a espada, descançae a lança que tendes em riste, erguei os louros e cingi-os á frente. Mas concedei ao menos que vos offereça uma occasião de enriquecer o jardim das lettras das aromaticas produccões de vossa penna de ouro, levando ao vosso conhecimento ligeiras duvidas. Crearão-nas vossos artigos publicados na — « Revista Litteraria » — deste anno; corre-vos pois a obrigação de destruil-as. Eil-as :

Julgaes que em seu começo a Philosophia era — « Rainha e Creadora ; » — e que tinha a cerviz baixa e era escrava, deduzo de vossas palavras, porque — « só depois de renhido combate pôde erguer o collo e proclamar-se vencedora, » — segunde affirmaes. E porque era Rainha e Creadora (de cerviz baixa e escrava) dizeis que — « o principio era temivel, e o mysterio fatal. » — Neste amontoado de palavras contradictorias e razões contraproducentes um véo escuro me encobre o vosso pensamento.

Rasgae-o e dizei-me : a Philosophia era Rainha, ou só pôde sacudir o jugo depois de encarniçadas e mortiferas lidas? Hoje que o principio não é timivel, nem o mysterio fatal ; hoje que desapareceu o facto, desapareceu tambem a sua razão sem deixar de provar demais? A Philosophia já não é Rainha, nem Creadora, e será escrava e esteril? Dizei-me ainda : como empunhava ella o sceptro, cingia a coròã, creava, produzia, e era ao mesmo tempo — « massa informe, sem leis, sem desenvolvimento, » — era finalmente um — « cahos ? » —

Em seu principio a Philosophia era uma massa sem ligação, sem ordem, sem harmonia, diz Charles Villers ; e sempre entendi que o douto expositor de Kant pensava que não havia então em Philosophia um systema claramente formulado. Mas vós traduzistes — « massa informe, sem leis, sem desenvolvimento. » Começo para mim implica necessariamente a ausencia de desenvolvimento, porque este só é concebivel na successão dos momentos do tempo ; assim pois — dizendo que no começo a Philosophia era sem desenvolvimento — nada adiantastes porque só repetistes o que já estava implicito. Não ; perdoae-me o engano, bem merecestes da sciencia porque manifestastes o desejo de collocar o desenvolvimento fóra do tempo. Não terieis vertido — « massa

informe e sem leis» — se vos lembrasseis de que nada existe sem lei e sem forma, ou se voltando a pagina tivesseis comprehendido o sentido destas palavras : « esta sciencia unica era bem pobre na verdade ; mas encerrava em « sua confusão os germes de quasi todas as sciencias futuras ; e já trazia o « sello das — « formas e dos modos originaes » — do entendimento humano, « que a tinha produzido por sua actividade e a quem só restava — « amplial-a, « distribuil-a e aperfeicoal-a. » —

« A primeira divisão geral ao sahir deste — cahos etc ». Destas palavras de Charles Vilers deduzistes a divisão da Historia da Philosophia em duas épocas — a do cahos e a da criação. Com toda a força de vosso poder sahi deste dilemma, que neste momento me occorre : ou a Philosophia já existia no cahos, e então é impossivel a criação, porque não se cria o que existe, ou não existia, e então ha só uma época e não duas.

Desculpo-vos esta leviandade, porque me lembro que possuis uma alma sensivel e uma imaginação ardente. Embriagou-vos certamente a discripção que faz Ovidio do cahos ; extasiou-vos de sublime a idéa — que Deos não é o Creator, mas o simples Architecto do universo ; enlevarão-vos as palavras de Charles Villers, e não quizestes ser imitador servil, por isso fostes adiante.

A' proporção que vos leio cresce-me a convicção de que sois demasiado livre em vossas traducções. Asseveraes que na sessão de inauguração da Episcopal Associação—Ensaio Philosophico—o Sr. de Montalverne se exprimio assim : a Philosophia é a intelligencia. O «Brasil» e o «Diario do Rio» publicando o discurso desse illustrado ancião, o muito digno Director Honorario do—« Ensaio Philosophico Paulistano »—citando-o na sessão de inauguração á 3 de Maio de 1850 dizem : a Philosophia é a razão em grande escala. Em Madame de Stael tambem se lê : — a philosophia é a razão em grande escala. Confessae por tanto que a vossa memoria vos foi infiel, e que attribuistes ao Sr. de Montalverne uma phrase que elle por certo não accitará.

Consagraes respeito e veneração ao Sr. Cousin, genio e gloria da França ; ouvi-o e combinae-o com a sentença que quizestes collocar sob a protecção de um nome valioso : « saber sem saber, explicar, diz elle, saber, sabendo « explicar, eis toda a differença do homem ao homem, do povo ao philosopho. « A verdade não é a sciencia ; a verdade é para todos, a sciencia para poucos ; « a verdade existe no genero humano, mas o genero humano não é philosopho. « A philosophia é a aristocracia do genero humano ».

A philantropia que vos caracteriza ennegreceu certamente nesta parte o prefacio dos fragmentos philosophicos, quando o lieis ; ou vos obrigou a fechar a entrada do pensamento as idéas que roubão á maior parte da humanidade o titulo de philosopho, que a todos quereis conferir, só porque todos tem intelligencia.

Continuo a ler-vos e vejo que erreis em meu juizo ; não sois philantropo, e decifro em vossa bandeira esta inscripção, guerra aos grandes, e protecção aos pequenos. A estes barateaes o nome de philosopho; Platão, Leibnitz e outros genios de primeira plaina, só porque engenharão hypotheses, devem incorrer no labéo de precipitação. Thales, Pythagoras e Aristoteles — « nada podião alcançar de positivo » — para a Philosophia, — « porque o homem logo que procurou » — o quid e o quomodo — « de sua existencia abraçou o universo inteiro ». Não ha duvida—declarastes guerra aos grandes philosophos, e parece-me que a sua grandeza vos incommoda.

Thales « possuio alguns conhecimentos mathematicos e asthronicos ; « foi contado no numero dos sete sabios da Grecia por seus concidadãos ; foi

« o primeiro que tratou da origem do mundo de uma maneira racional », (1) Para Kant é mais interessante que a descoberta do cabo da Boa-esperança, a revolução mathematica que se attribue a Thales, e o chama — homem de genio. (2)

Pythagoras « apparece em geral como um homem extraordinario por seus talentos, seus designios elevados e sua influencia ; mas os antigos Gregos e Romanos, por diversas causas, respeitarão nelle um ente maravilhoso e sobrenatural. (3)

Quando com um traço de penna derrocastes a estatua de gloria de Aristoteles, esquecestes Charles Villers, que começa a exposição da Philosophia transcendental com uma phrase do discipulo e adversario de Platão ; não vos lembrastes de que a sua Logica é a mesma de hoje ; não vos occorreu que elle encetou e fechou a lista das cathogorias, no pensar do Sr. Cousin ; affectastes finalmente ignorar que o genio e gloria da França, que tanto veneraes, entre os pomposos e multiplicados encomios, que não se cança de dirigir a Platão e Aristoteles, diz : depois delles a philosophia não tem feito senão hir de um para outro.

Eis em grosseiro desenho—os homens que alcunhaes de — « antros ennegrecidos que tudo fazião desapparecer ». E agora—vós sectario do eclectismo moderno dizei-me: como salvaes, sem prejuizo de vossa opinião sobre Thales, Pythagoras, e Aristoteles, o principio fundamental desta eschola—que o erro puro é impossivel ?

Se os consideraes em esphera alheia á Philosophia, dizei-me ainda , a que vem citar seus nomes para amaldiçoar a sua memoria ?

Perdoae-me uma vez mais, — a inscripção que decifrei em vossa bandeira é tão real como a philantropia de vosso character, porque de vossa redacção se infere que a Philosophia nasceu desses antros ennegrecidos de á pouco ; e por que vossos applausos ao immortal Socrates não são duvidosos. Mas supponho que acerto se vos descubro ambicioso do obscuro, e do que vulgarmente se chama methaphisico : e junto ás anteriores estas provas mais :

Com intensidade de luz deslumbradora, dizeis, a philosophia era fraca e limitada ; e essa intensidade foi o escolho em que naufragou. A Philosophia do espirito humano é a Psychologia, e esta é o seu proscenio. Consegui a harmonia dessas phrases e publicae-a, porque nisso fazeis serviço á sciencia.

Por longa já vai sendo fastidiosa esta carta, por isso só accrescento resumidamente as seguintes observações :

Parecis referir ao eclectismo moderno a creação da Psychologia, mas deveis notar que Socrates, Descartes, Locke, Leibnitz e Kant são anteriores ao Sr. Cousin.

Formastes da Philosophia um — « soirés, » — para imitar Charles Villers na discripção do indifferentismo philosophico que se seguiu em França a eschola Carteziana ; discripção na verdade de muito espirito ; e isto revela o vosso bom gosto em litteratura. Mas com a construcção desse castello que é logo reduzido á — « pó, á cinza, á nada, » — me trouxestes á lembrança D. Quixote e os moinhos de vento. E' uma associação de que só a memoria é culpada, e perdoae-a porque não sendo livre não é responsavel.

Negar a possibilidade do estudo dos phenomenos de consciencia, porque não

(1) Tenneman, Manuel de l'histoire de la Philosophie, traduit de l'allemand par V. Cousin, § 85.

(2) Em. Kant, Critique de la raison pure, traduite de l'allemand, sur la septieme édition, par C. J. Tissot prefacio, pag. 5.

(3) Tennemann, obra citada, § 89.

são perceptíveis pelos sentidos parece-me que não é occultar os phenomenos na argumentação, é pelo contrario combater muito directamente esse estudo. O argumento é falso, mas deveis convir comigo que não occulta o phenomeno.

Do phenomeno não se deduz a sua causa, nem da sua reprodução se conclue a identidade da pessoa : reflecti bem e não duvidareis que a idéa de causa não é dada pelo raciocinio, e sim pela inducção ou abstracção immediata.

Lendo que a observação não dá o conhecimento do — «Eu á priori» — mas — «á posteriori,» — figurei um homem observando para adquirir o conhecimento da sua propria existencia, e maldisse da esterilidade de minha imaginação : ensinae-me pois como concebestes a hypothese da observação anterior ao conhecimento do — «Eu ;» — e tambem quaes são as noções — «á priori» — fornecidas pela observação.

Não tenho podido reduzir á forma syllogistica este enthymema : — «a observação nos dá o conhecimento dos phenomenos internos do Eu, logo nada mais verdadeiro que a maxima grega » — Nosce te ipsum.

Fallaes em phenomenos internos do — «eu,» — desejo saber se existem phenomenos externos do — «eu.» —

Esta carta seria indefinita se me propuzesse a uma analyse completa da vossa introducção ; e assim encerro-a, deixando maior desenvolvimento para quando entrar nos outros artigos.

Espero de vossa bondade que as minhas duvidas serão attendidas, e vou munir-me de materiaes para não ser victima de vossas argucias e subtilezas.

Adeos, até ao segundo numero dos — «Ensaio Litterarios ;» — e ficae certo que muito vos venera o

Vosso collega.

Santos Lopes.

S. Paulo 12 de agosto de 1852.

Illm. Sr. João Theodoro Xavier de Mattos.

CARTA I.

Tive o prazer de ler a refutação que vos dignastes apresentar ás leves observações, feitas por mim ao artigo—Destino d'alma humana. Ao principio pretendi calar-me, e deixar á opinião illustrada de nossos leitores a apreciação de nossa luta litteraria. Porém reflecti que era de mister ter toda a defferencia para convosco—forte adversario,—generoso combatente; que era de mister, que nosso certamen durasse mais alguns momentos ; pois não cumpria á mim fraco, abandonar a honra que se me offerecia de disputar o terreno da philosophia á um veterano nunca fatigado—pelo contrario sempre destruidor dos temerarios que ignaros de sua fraqueza ou-

são instigal-o á lutar, era de mister (se me for possível) arrancar-vos do erro que vos embriaga, era de mister finalmente, Sr., salvar vossa alma, que ameaçava uma queda terrivel nos abysmos profundos do *Atheismo*.

Respondendo á censura que tive a honra de fazer ao vosso infeliz exemplo — de uma gotta abstrahida do Oceano quando indeterminada em relação á seu todo—vós replicastes dizendo: *Nego que todas sejam iguaes. A gotta de que fallo, e digo ser inutil—é uma, indeterminada em relação ao Oceano todo. Tirada esta do Oceano tomai outra para fazermos a comparação. Será esta igual á primeira? Não. E' verdade esta nova é como a 1.^a, uma, indeterminada; mas é uma, indeterminada em relação ao Oceano todo menos a 1.^a gotta, que já foi tirada d'elle. Eis a differença.*

E' sem duvida estranha esta maneira subtil de argumentar em um espirito tão forte. Senti, Sr., uma emoção bem desagradavel ao ler este trecho, porque primeiro julguei ter perdido a faculdade de perceber-vos, e logo me considerei impossibilitado de responder, depois porque vi as *taboas*, e o systema de Pythagoras completamente nullificado, e a sciencia de Leibnitz, Kepler, e Newton, perder toda a sua exactidão, e reduzir-se a ephemos numeros sem connexão, nem verdade. Vejo que quereis distinguir uma gotta, de outra só pelas palavras uma, e indeterminada em relação ao Oceano todo, ou d'este menos uma gotta já tirada—bella distincção! Vós avançastes que uma gotta do Oceano era inutil — eu impugnei tal proposição dizendo: todas as gottas são iguaes em natureza, e quantidade, se são iguaes, para que se considere uma inutil, ipso facto todas o serão; d'aqui pois a inutilidade do Oceano. Mas vós respondestes tirai uma gotta indeterminada ao Oceano, elle não soffrerá, ficará o mesmo, pois essa 1.^a gotta é inutil em relação ao Oceano todo; mas eu disse: tirai uma 2.^a, 3.^a e 4.^a até o indifenito; porque sendo todas iguaes devem participar da mesma natureza, e ter-se-ha esgotado o Oceano. Porém temendo este resultado dissestes: Não—ha differença, a 1.^a gotta é uma, indeterminada em relação á todo o Oceano, a 2.^a é em relação ao Oceano todo menos a 1.^a que já foi tirada.

Collocada a questão nestes termos, eu proponho o seguinte dilema: ou a 1.^a gotta affectou, ou em nada alterou o Oceano, no 1.^o caso fica provada a utilidade da gotta, no segundo sua inutilidade. Se em nada alterou o Oceano a 1.^a gotta abstrahida, se elle ficou como se não a abstrahissemos—segue-se que uma segunda igual em natureza e quantidade á 1.^a conserval-o-hia no mesmo estado em que se achava anteriormente, que uma terceira teria o mesmo effeito, e finalmente se teria estabelecido o seguinte

principio : um todo a quem se subtrahir periodicamente parcelas iguaes, nada soffrerá em sua natureza, ou por outra a subtracção de todas as partes componentes de um corpo não o altera, e praticando tal principio teriamos em algebra a seguinte expressão :

$$a - b - c - d = a.$$

Ou com formas Arithmeticas, dando á a o valor de 3, á b , c , d , de um, teriamos

$$3 - 1 - 1 - 1 = 3 \text{ (o que é absurdo.)}$$

Mas vós ainda dissestes, a 1.^a gotta (quanto á quantidade) é inutil ao *Oceano*, nesse caso eu vos digo a 2.^a tambem é—e vêde :

Seja o Oceano representado pelo n.^o 3, a gotta 1.

$$3 - 1 = 3$$

Eis pois a 1.^a gotta tirada, e se 1 abstrahido primeiro ao todo 3 não o modificou, segue-se que uma outra unidade 1 (que é igual) tambem não o alteraria, e portanto temos realisado vossa theoria de que a subtracção de todas as partes do corpo não o altera.

O exacto é que : se podemos devidir o Oceano em partes iguaes, desde que illiminarmos uma, o todo se acha falho de uma parte igual á todas as outras de que elle se compõe. E tanto vós não podestes fugir á esta verdade, que reconhecestes não ser inutil um segunda gotta, que se tirasse do Oceano, e porque? pois o Oceano sem a 1.^a gotta não ficou o mesmo que era antes da iliminação? 2 não existe sem 1 mais 1. Finalmente desde que tiramos á um numero composto uma unidade, elle neecessariamente se altera.

Ja vedes pois, Sr., que o anzol de vidro longe de se quebrar, envenenou á aquelle que tinha tal pretensão, o qual ferido mortalmente se debate engasgado nas agonias da morte.

Quanto á parte de vossa critica illustrada sobre a existencia de seres sem fim, e nocivos, eu peço que demonstreis uma tal these em relação ao plano geral da harmonia, pois tal é o ponto que impugno.

Finalmente, Sr., nossa lucta apresenta um aspecto mais agradável, e tomou uma attitude em que posso com facilidade combatel-a. E' pois o systema de Platão a ultima ancora que encontrastes em vosso naufragio para apegar-vos, pois bem; eu sem piedade farei estalar a ancora, e ver-vos-hei afundar victima de vossas falsas theorias.

Sr.—permitti que eu vos faça esperar a refutação de vossa critica, quanto á 2.^a e 3.^a parte, pedindo-vos, se não é incommodo, apresentar o systema de Platão com mais alguma extensão, para a

minha refutação ser mais fructifera. Aproveito a occasião para tributar respeito a vossos talentos.

A. F. Vianna.

O COMMUNISMO E A PROPRIEDADE.

I.

Em 1848, em quanto o carro vulcanico da revolução esmagava milhares de victimas em sua passagem, um brado terrivel se fazia ouvir. A sociedade estupefacta mal attendia á todas as causas desse movimento espantoso ; os espiritos, tomados de allucinação, não encontravão outro lenitivo senão a vingança, e não achavão outra linguagem mais que a grita retumbante das paixões revoltadas. A força tinha creado proselytos —e depois do estrupido das pelejas no campo da batalha veio o supplicio silencioso na paz dos tumulos.

Mas sempre a mesma voz unisona, prolongada e medonha como o ronco longinquo da trovoadá, que se vem aproximando, á bater no cimo das montanhas, á rolar-se pelas encostas e á espalhar-se pelas cavernas.

Quando as turbas inflamadas, impellidas como as ondas do mar, atiravão-se como loucas, abalando um throno que a corrupção tinha grangrenado—era o communismo.....

Quando as ballas crivavão certeiras a estatua do duque d'Orleans, principe cujo vida foi a sagração da virtude e cuja morte o luto da pobreza—era o communismo.

Quando a realeza, foragida e temerosa hia acoitar-se, como esfarapado mendigo á sombra das trevas, para escapar á vindicta popular—era o communismo.

Quando em junho a multidão chammejante se entrincheirava nas ruas de Paris, e despejava um chuva de ballas, como graniço de fogo—era o communismo.

Quando Barbés, o soldado infatigavel dos movimentos revolucionario, fazia uma tentativa infructifera contra a ordem de cousas de então—elle que tinha toda a sua vida sonhado, e cujos sonhos se tinhão embalado no ribombo do canhão para depois desmaiarem de todo nas paredes afumadas de um carcere—era ainda o communismo.

Era o communismo que, como a voz de Luthero, movia o soberbo Vaticano em sua base pedestal; era elle que sacudia a soberba theara, como os ventos da noite sacodem a cimeira dos cedros no tópe do *Libano*; era elle que sahindo do Adriatico, como a Venus das espumas do mar, acordava o leão Venesiano, e accendia o archóte da revolução; era elle que se assentava nas planicies do Piemonte, como a aguia que desce da montanha para poisar no valle; era elle que ia de Berlim á Vienna com a rapidez do pensamento; que se levantava de todos os lados, como as arêas revoltas pelo tufão; que soltava seu canto no meio dos combates, como a ave do mar no meio da tempestade.

O communismo era o phantasma dessa sociedade decrepita; todas as boccas fallavão de seus attentados, todos os olhos tinhão visto seus estragos, todos os braços tinhão-n'o combatido.

Se nessa luta mortifera havião outros elementos, estavam como que absorvidos, e a attenção geral lançava-se ao monstro que pretendia, nivellando tudo, fazer ondear sua bandeira no meio de cadaveres e de sangue. O elemento politico e nacional, que influirão no ultimo cataclisma Européo, estavam quasi deslembrados; o despotismo tinha baptisado tudo com o nome de communismo para melhor consecussão de seus planos e exercicio de suas vinganças. Queria — se explicar tudo por essa palavra sacramental: essas mortes, esses campos atapetados por corpos mutilados, essas cidades varridas pela metralha, erão os èlos da cadeia forjada nos antros dos reformadores satanicos.

Seus emmissarios andavão por toda a parte, penetravam em todo o lugar, surgiam á toda hora; e quando menos se esperava, seu vulto apparecia, como o espião do Conselho dos *Dez* ou o familiar da inquisição.

Vião-no em tudo: hoje nas vestes do sacerdote, amanhã na farda do soldado; hoje acompanhando o juiz ao tribunal, amanhã esperando-o para assassinal-o; hoje deitado nas pedras da calçada, amanhã no degráo alcatifado do palacio dos Reis.

Sim—o communismo era tudo para a sociedade enferma: trabalhava de dia como de noite; ás claras e ás occultas; de afogadilho como calculadamente; era invisivel como o espirito, impalpavel como o espaço; fugia como a sombra, e apparecia como o raio. Nesse tempo calamitoso os homens no perdimento da razão ja não tinhão raciocinio: um communista era uma cousa quasi que inintelligivel, quando procuravão definil-o.

No entanto esses movimentos, excessivos e desordenados como forão, tiverão causas remotas e proximas, legitimas e reprovadas. Se é verdade que a propaganda dos niveladores aticou o incendio na Europa, tambem o é—que a corrupção dos governos, os desvios de

poder, a ebulição dos partidos e finalmente a confusão de nacionalidades derão maior largueza ao circulo em que girou a revolução de 1848.

Não se devem pois amalgamar os differentes soldados que entrarão em peleja : uns são condemnavéis talvez pelos meios empregados para conseguirem o fim á que se propunhão, mas suas ideias não estavam eivadas da mesma podridão; porem os outros—o que querião ? A substituição do estado ao desenvolvimento das forças individuaes, a anniquilação da personalidade humana, a destruição da familia, o rompimento da proporcionalidade entre o trabalho do homem e seus resultados, o esquecimento de toda a *moral* : querião mais—fazendo do homem um instrumento sem acção, acabavão por fazer da humanidade uma lagôa de aguas estagnadas.

Se porêem taes são as consequencias do communismo : respeitando a verdade da historia, proscrevamos essa tyrannia ferrenha, e impia que confundio tudo, que tomou a força por legislador, apagou as raias que separão a innocencia do crime, o castigo da perseguição, e, levantando como meio de proselytismo a força, fez até da liberdade de pensamento um crime de lésa-humanidade ; proscrevamos todas essas theorias que os cortesãos venaes dos partidos vencedores, os vermes que se espreguição á flor da terra de róda do estandarte triumphante que mais promette á seus interesses, costumão enthronisar. Não—as ideias tem de seguir o seu rumo : se são injustas hãode cair ; se porem são justas, embóra suffocadas um instante apparecem depois, como o sol que os nevoeiros esco-dem brilha de novo quando a ventania os espalha.

O braço do homem não torce a direcção do mundo, diz uma grande cabeça. O bem e o mal tem alternativamente o seu theatro na terra; mas, no pensamento de alguém, o primeiro dá os seus fructos, e o segundo é condemnado a impotencia. Se é pois preciso vencer os soldados da propaganda demolidora, quando armados e collocando-se em luta contra a sociedade, —não é necessario exterminal-os sempre como animaes bravios. As nações de hoje não devem querer que se diga com justiça como Victor Hugo dizia — a *Austria*, isto é — a força.

Mas nessa época a perversão de espirito tinha contaminado tudo, e estandarte depravado das paixões fluctuava no meio de applausos freneticos; não se queria ao menos uma lagryma sobre o tumulto dos opprimidos.

Quem é pois essa entidade que causou tanto medo, e fez tremer a realeza Européa ! Quem essa especie de cerbéro tricephalo que a persegia desapiedadamente como o tigre no encalce da preza ? ! Quem esse Deos famulento que pedia a seus adoradores o sacrificio do sangue e das lagrymas ? !

Suas raizes afferrão-se no passado : umas vezes emba lando-se na rede doirada do romance, adornando-se com as purpuras da imaginação, sorrindo nas nevoas da idealidade ; outras vezes baixando da theoria a pratica, do sonho á realisação ; umas vezes no silencio do repouso e da paz , outras vezes no bulicio dos combates. Sua vida não data de hoje; velho d'annos—elle se estende pela noite dos tempos.

Na antiguidade é Platão, sonhando sua *republica*, distinguindo o magistrado do guerreiro, o guerreiro do artista, e dando á cada um attributo especial : assim pela divisão de castas, porque outra cousa não é, elle nestas encarnou separadamente a sabedoria, a coragem, e a temperança. Ahi consagrou-se a immobilidade das civilisações antigas; ahi agrilhoou-se o genio do homem; ahi estabeleceu-se a promiscuidade dos sexos; ahi não se temeu a rivalidade das castas, e resuscitou-se a India e o Egypto.

E' Thomas Morus com sua *Utopia*; christão, elle repelle a communidade das mulheres, mas christão elle admite escravos. Sente-se, como diz um escriptor, que o christianismo passou pelos sonhos e idealidades deste homem, mas não lhe foi dado pensar friamente, e seu quadro negreja muitas vezes. De feito a eleição na ilha e a Utopia nada significa; e o estado, sendo tudo, volta-se á unidade afogadora dos antigos tempos. Por um lado recommenda-se o sacrificio da propriedade; por outro erguem-se altares aos instinctos sensuaes. Epicuro resuscita os amigos do goso material. Os banquetes pedem muzica, e os perfumes do Oriente embriagam os convivas da festa.

Mas os communistas não descanção : umas vezes são os sonhos que lhes dão apoio ; outras vezes as realidades que a historia tem desmentido : ora é o ascetismo que lhes serve de base,— elles chamão para favorecer sua causa os Theurapeutas, os Essenios, os Pythagoricos, e outros; ora querem os raios do sol da cidade de Campanella, inspirão-se no Codigo da Natureza de *Morelly*. Bebe-se a longos tragos o veneno dissolvente do communismo, levantão-se castellos altivos—e tudo em honra do legislador summo.

Mably com suas duvidas sobre a ordem natural, e essencial das sociedades ; *Rousseau*, o admirador das republicas antigas, o homem cuja vida foi um tecido immenso de incomportaveis dores, o mysantropo que o mundo fizera; *Brissot de Warville*, o sophista subtil; *Robspierre* e *Saint Justo*, *Babeuf* e *Antonelle* ; todos são chamados á campo.

Vai-se adiante : é necessario espanar o pó dos seculos, levantar a lousa dos tumulos, invocar recordações de grandeza. Então apparece *Lacedemonia* á sombra de *Licurgo*; então arrancão-se do ferreo somno essas cidades antigas com seus aristocratas e seus es-

cravos—cidades onde o pensamento, preso em um circulo de ferro, mal resfolegava; onde o individuo era a sombra de um corpo e o homem uma quantidade sem valor na algebra do estado.

E' preciso mais ainda: vai-se á Créta; as leis de Minos revivem, a antiguidade ergue seu vulto grandioso e sombrio, como os picos do Hymalaia vistos ao longe.

Roma, não a de hoje, não a de *Byron*—essa Niobe das Nações; porem a Roma dos tempos perdidos, a Roma dos Tribunos, a Roma dos Cezares, é alevantada de seu tumulo soberbo, e rompem-lhe o sudario para apresental-a como combatente nas fileiras communistas.

Do Paganismo passa-se ao Christianismo. O Evangelho—elle que sanctificou a devoção—elle que purificou a raça do homem e não quiz a profanação dos affectos mais puros—elle que nunca disse que o filho não conhecesse seu pai e que a mulher fosse uma prostituta sem alma—elle que caminhou allumiando a estrada escura das gerações—recommendar o que? a prostituição e o embrutecimento.

Desenganem-se pois os sectarios do communismo: seus exemplos—ou são falsos ou não aproveitam.

Que importa que fação de Munzer um homem do céu, de Zolicone um semi-deos, e de João de Leyde um anjo? Que importa? Eu sei que no meio das exagerações do Anabaptismo houve exigencias justas e sagradas; eu sei que a mão de ferro que pesava sobre o povo, como uma barra incendiada sobre o peito do condemnado, devia ser levantada; mas isso não basta para a absolvição completa de seus actos. Eu sei que no meio desse fumo espesso, no meio desse horisonte carregado de vapores e miasmas luzirão raios puros e esplendidos:—quem negará justiça a alguns desses doze artigos que apparecerão como protestos dos camponezes da Franconia, enquanto Storch enchia a Allemanha de suas pregações religiosas? Quem negará a abolição dos servos, irrisão terrivel, escravidão do homem pelo homem, supplicio d'alma, e do corpo? Quem negará a verdade do artigo que estabelece—a redução dos impostos muitas vezes superiores aos productos? Até ahi parece que *Storch* á quem se attribue esse manifesto de guerra não tinha acceitado as consequencias de Munzer; até ahi a moderação não tinha ultrapassado seus verdadeiros limites; porem o retintim das armas desnorteou o Anabaptismo, e elle vagou sem pês pelo campo de tenebrosas phantasias, alastrou seu caminho de cadaveres, e compoz uma epopéa de destroços e ruinas. Não se pense porem que merecem desculpa os attentados que perpetrarão, aquelles que os combaterão nas diversas peripecias desse drama sanguinoso; não—se um pensador notavel parece que—

rer attenual-os; os que reprovão tudo que não traz o cunho da justiça devem estigmatizar essa conducta malefica, que as mais das vezes substituiu os instinctos brutaes do animal feroz aos impulsos nobres do coração,—essa conducta que deixou um legado ulceroso de crimes, e escreveu suas victorias com o cynismo covarde e ignobil do cannibal.

O Anabaptismo por si só não era bastante; o erro não se satisfaz com pouco e recruta soldados em toda a parte. Por isso a heresia entona o collo e figura como seguidora dessa doutrina. Por isso arregimenta-se debaixo da mesma bandeira o Pelagianismo, que fazia da riqueza um peccado, os Albigenses dos quaes nasceu *Lollard*, queimado pela inquisição e que morreu com um socego digno de memoria e com uma coragem sanctificada pelo martyrio. Por isso apparece *Wiclef* que á muitos olhos nada tem de commum com os sectarios infrenes da demolição social e João Hus, continuador de suas doutrinas.

Saint-Simon, Owen e Fourier são communistas, embora se separem em alguns pontos; suas doutrinas vão ao mesmo fim. Seos ataques dirigem-se á propriedade, seus esforços tendem á supressão do trabalho individual, indirectamente acabão com a iniciativa da liberdade e substituem phantasmas á theorias reaes.

Eis-ahi pois, onde vão buscar filiações aquelles, que modernamente tem querido erguer o imperio da igualdade absoluta. Como diz Alfredo Sudre: *Cabet* com sua *Icaria* repéte Thomas Morus; *Loius Blanc* imita *Babeuf*, *Mably* e *Morelly*; *Proudhon* aprende com *Brissot de Warville*—e no entanto apresenta sua definição de propriedade como o acontecimento mais notavel do reinado de Luiz Philippe.

Assim caminhão os communistas:—aqui soccorrendo-se áquillo que com elles não tem afinidade,—ali invocando recordações, cujos infaustos resultados de ha muito lavrarão sua sentença de morte.

E á quem perguntar porque a humanidade tem repetido essas mesmas ideias; á quem como *Charles Reybaud*, interrogar se as gerações estão condemnadas ao destino do Knef Egypciaco, serpente enrolada sobre si mesma, symbolo da immobilidade, responderei com elle—que ha no homem uma tendencia irresistivel e arrasadora que o leva á preoccupar-se dos mesmos problemas, uma especie de inspiração que o impelle á seu pesar e que vem do céu; direi—que DEOS dotou o coração do homem destes moveis eternos que fazem cada geração continuar a têa de Penelope; direi com elle—que, quando o espirito se entorpece e não accrescenta alguma coisa á obra dos seculos, elevão-se homens que proclamão a revolta contra as ideias recebidas e provocão tempestades nas espheras da intelligencia; direi—que este movimento maravilhoso póde sobre

alguns pontos dormir, mas se revella em outros—não deixando nada esteril nos dominios do pensamento, abraçando todas as necessidades da alma, todas as necessidades do corpo e dominando o mundo.

Devem porem os communistas esperar o triumpho de suas doutrinas? Não—ellas são filhas legitimas da rasão delirante. A Historia, e o raciocinio frio já condemnarão-nas.

Eu o mostrarei com o auxilio de talentos respeitaveis.

Andrada e Silva.



ESTUDOS MORAES.

Os irmãos João Leme da Silva e Lourenço Leme da Silva.

EPISODIO DA HISTORIA DA PROVINCIA DE MATTO-GROSSO,

POR

Henrique de Beauvoisine Rochan.

Em fins do anno de 1719, chegarão ás minas de Cuyabá, que, havia poucos mezes, descobrira Pascoal Moreira Cabral, os dous irmãos João Leme da Silva e Lourenço Leme da Silva, naturaes da villa de Ytú, e pertencentes a uma das familias mais nobres do paiz. Não foi tanto o espirito de descoberta, então dominante entre os Paulistas, que os conduziu áquella remota paragem. Auctores de crimes abominaveis, o que elles procuravão nos sertões era uma posição que os podesse garantir da acção da justiça, que os perseguia nas povoações de S. Paulo; e terião, sem duvida, logrado seu intento, se, melhorando de vida, não houvessem, por meio de novos attentados contra a vida e propriedade alheias, excitado a indignação geral da nascente colonia de Cuyabá.

Entretanto, o novo governador e capitão-general de S. Paulo, Rodrigo Cesar de Menezes, reconhecendo a importancia dos serviços, que geralmente prestavão ao estado os sertanistas, e receoso ou fingindo recear que, da parte dos que se achavão em Cuyabá, houvesse boas disposições de sacudir o jugo portuguez e de se submeter a Castella, se, ingrata como o tinha sido para com os descobridores das Minas Geraes, recusasse a metropoli galardoar-lhes os serviços, supplicou a el-rei D. João V que não só os premiasse, com habitos das tres ordens militares, como que perdoasse os criminosos Leme e Domingos Rodrigues do Prado, animando, com este acto de benevolencia, os mais a emprehenderem novos descobrimentos. Esta proposta mereceu o assenso da

côrte de Lisbôa, recommendando-se todavia ao general, que não dêsse perdão, nem promettesse condecorações, senão áquelles que, no seu entender, as merecessem por serviços relevantes.

Antes disso, e logo depois de ter tomado posse do governo, tinha o general procurado relacionar-se com os principaes descobridores de Cuyabá. Neste sentido, escreveu aos que lhe constava acharem-se alli, manifestando-lhes suas boas intenções de os auxiliar, por todos os meios a seu alcance, na importante empresa a que se havião dedicado, segurando-lhes ao mesmo tempo, da parte d'el-rei, a consideração em que serião tidos seus serviços. Nas cartas dirigidas a Lourenço Leme da Silva e a Domingos Rodrigues do Prado, cuja posição, como réos de justiça, era mais melindrosa, accrescentava que lhes seria muito util, não só para seus requerimentos, mas ainda para seus despachos, intentar, ou, para melhor dizer, conseguir abrir o caminho de Cuyabá a São Paulo, certo de que seu poder, actividade e prestimo seguravão ainda mais difficil-tosas empresas.

Era por meio dessa linguagem, tão franca quanto amena, que o general Menezes procurava captar a confiança desses homens importantes. A sua circular foi com effeito recebida com enthusiasmo em Cuyabá; e a resposta que lhe derão não podia senão satisfazê-lo amplamente, como elle o manifestou em nova circular de 31 de maio do anno seguinte.

Não consta dos registos de então que, escrevendo a Lourenço Leme da Silva, houvesse o general praticado o mesmo para com João Leme da Silva, entendendo, talvez, que a carta dirigida a qualquer dos irmãos comprehendia a ambos, por isso que erão identicas as circumstancias de um e outro,

Como quer que seja, desde logo se resolvêrão os dous irmãos a se recolher a São Paulo. Cheios de ouro, producto de suas minerações em Cuyabá, e a testa de numerosa escolta composta de escravos seus, de indios e criminosos, se apresentárão em Araraitaguaba, hoje Porto-Feliz, no anno de 1723. Vinhão refazer-se do que lhes era necessario para a sua residencia no sertão.

Tomando parecer com os homens bons da cidade de São Paulo, assim como com o ouvidor geral, procurador da corôa, e senado da camara, sobre o modo porque se devia haver com esses hospedes perigosos, resolveu-se o general a mandal-os vir á sua presença, não só para ouvil-os, como para admoestál-os. O merecimento real desses dous irmãos, como sertanistas, e cujos serviços se havião ainda mais assignalado pela descoberta do varadouro de Camapuan, aconselhavão a conveniencia de os angariar por bons modos, a ver se se conseguia convertel-os de pessimos cidadãos em bons e fieis vassallos d'el-rei de Portugal. Na sua entrevista com o general, protestárão os Lemes contra muitas das imputações que lhes fazia o publico, mostrando com tudo, a respeito de outras, sinceramente arrependidos e promettendo emendarem-se. O general os despediu satisfeito.

Em S. Paulo, tinhão os irmãos Lemes sido hospedados por Sebastião Fernandes do Rego, amigo intimo de Rodrigo Cesar de Menezes. Não houve obsequio que não recebessem, assim desse homem, como dos principaes habitantes da cidade, como se contra elles não houvesse mais o tedio que acompanha ordinariamente os que se tem enxovalhado na carreira do crime. Só a immensidade de arrobas de ouro de que erão portadores, e a liberalidade com que a muitos tinhão obsequiado com as melhores folhetas, pôde explicar sobejamente o interesse que havia em poupal-os.

Assim festejados, retirárão-se para a villa de Ytú, onde hião esperar a remessa dos effeitos, cuja compra havião confiado a Sebastião Fernandes do Rego. Contavão, depois de providos, regressar para Cuyabá. Neste comenos, procurando o general pessoa capaz a quem encarregasse da cobrança dos

quintos da real fazenda n'aquellas minas, em quanto elle não as fosse pessoalmente regular, aconselhóráo-o que provesse neste emprego a um dos dous irmãos, devendo-se pensar que, lisongeados por tamanha prova de consideração, terião mais um estímulo para melhorar de condição. Para se justificar, perante o vice rei do Brasil, de uma escolha que poderia parecer estranha, invocava o general a necessidade, em que se vira, de pôr em pratica a maxima de—« fazer do ladrão fiel. »—A Lourenço Leme coube o encargo de provedor das minas, e a João Leme o de sargento-mór. Sebastião Fernandes do Rego encarregou-se de ir a Ytú entregar pessoalmente aos dous irmãos as cartas e provimentos enderessados pelo general. Ambos rejeitárão a nomeação.

João Leme, em resposta ao general, fazia-lhe observar que, havendo já exercido nas Minas Geraes o lugar de capitão-mór-regente, quando menos o merecia, e não lhe havendo agora cabido a honra de substituir nesta dignidade a Fernando Dias Falcão, não lhe era possível aceitar o posto secundario de sargento-mór. Agradecia entretanto ao general a mercê que lhe havia feito, e renovava-lhe os protestos da mais humilde obediencia. Lourenço Leme, partilhando o desgosto de seu irmão, exprimia-se nos seguintes termos:—

« Muito meu senhor, recebi a carta de V. Ex. e nella incluso o provimento de
 « provedor das minas, de que rendo a V. Ex. as graças de tão grande mercê
 « e honra que me faz ;

« Mas como eu e meu irmão abalássemos das minas, sem mais outro
 « nenhum sentido do que dar a saber a V. Ex. e ao povo que nós eramos
 « muito obdientes a S. M., e aos seus generaes e ministros, e não rebéis, nem
 « levantados, porque, a querermos sê-lo, não buscaríamos meios tão pacíficos
 « como os que buscámos.

« Como também, sendo o maior empenho o vermos de que sorte poderá S.
 « M., que Deos guarde, ser mais bem servido, e a sua real fazenda augmentada,
 « E como V. Ex. não ignora que nós fomos o verdadeiro instrumento para
 « que na pessoa de Fernando Dias se fizesse a nomeação de capitão-mór-re-
 « gente, pois de outra nenhuma sorte o seria,

« Entendendo que elle poderia exercer o dito cargo, buscando em tudo o
 « augmento da real fazenda de S. M., que Deos guarde, e quietação do povo,
 « achámos que nelle se entende tudo ao contrario, porque nem a real fazenda
 « poderá deixar de perecer e não ter augmento nenhum, nem o povo deixará
 « de andar sempre embaraçado.

« Nestes termos, queríamos que V. Ex. provesse, no dito posto de Fernando
 « Dias, outro qualquer homem, pois nas ditas minas os não faltão capazes
 « para poderem occupar o dito posto, e fazerem nelle um grande serviço a S.
 « M., que Deos guarde, e o povo ficar muito satisfeito.

« O que não sendo assim, ficará muito duvidoso e contingente o augmento
 « da real fazenda, e quietação das minas,

« E porque meu irmão João Leme da Silva se exime de occupar a encum-
 « bencia que V. Ex. lhe encarregava, achando-lhe em tudo razão, pois já
 « serviu de capitão-mór-regente em outras occasiões, e não parece justo que
 « agora occupe posto inferior,

« Nestes termos me põe a mim da mesma sorte em não poder aceitar a
 « mercê e honra que V. Ex. me faz, porque em todas as materias desejo dar
 « gosto ao dito meu irmão.

« Concorrendo para isto as razões de ser mais velho, e ser sempre compa-
 « nheiro em os trabalhos e sertões, e nessa fórma devo fazer muito por em
 « tudo lhe dar gosto, tendo-o muito grande de que quem é irmão e compa-
 « nheiro para os trabalhos, molestias e descobrimentos, o seja também para
 « as bonanças e honras ; e fazendo-me V. Ex. a mim tão grande, na mesma
 « fórma queria que meu irmão fosse satisfeito, que elle pela sua vontade o

« fica muito todas as vezes que V. Ex. proveja na pessoa de outro qualquer
 « homem o dito posto de capitão-mór-regente, não sendo Fernando Dias,
 « pelas razões que digo á V. Ex., pois sendo da maneira que está determinada,
 « nem eu, nem o dito meu irmão podemos servir as occupações que nos
 « encarrega.

« Em tudo espero que V. Ex. obre com aquelle acerto que costuma, e com
 « as direcções de tão grande general.

« Fico apparelhando-me, com toda a preça, para a jornada do sertão, pois
 « já é tempo, o que não farei sem novas ordens de V. Ex., a quem Deos guar-
 « de felizes annos.

« Beija as mãos de V. Ex. seu menor criado e fiel captivo.—Lourenço
 « Leme da Silva.»

Uma e outra carta, em cujas expressões nada havia de reprehensivel, revelavão pelo contrario um resentimento, que não podia senão abonar o character independente de quem as firmára. O proprio general fazendo justiça á altivez dos Lemes, ou receioso talvez da attitude que esses homens resolutos fossem tomar em Cuyabá, resolveu-se a acceder ás suas pretensões, dando o posto de mestre de campo regente daquellas minas a João Leme da Silva, conservando o outro no de provedor dos quintos da real fazenda.

Todavia, acostumado, como o estavam todos os generaes naquelles tempos coloniaes, a ser pontualmente obedecido, a recusa dos Lemes magoou sensivelmente o amor proprio de Rodrigo Cesar de Menezes, e o tornou accessivel a todos os planos, que, desde logo, se urdirão para os perder; tanto mais que os viajantes, que successivamente chegavão de Cuyabá, o atordoavão com a narração das façanhas, que havião dado a esses homens uma horrivel celebridade. Todos os meios, sem exceptuar o da mais nefanda traição, forão postos em movimento para que os criminosos cahissem em poder da justiça. Sebastião Fernandes do Rego, lobrigando na ruina dos Lemes, uma occasião facil de se apropriar da avultada porção de ouro, que, em fé de amigo, lhe tinha sido entregue, mui de proposito, e de combinação com o general, lhes foi demorando a remessa das encommendas, de que o havião encarregado. Não foi difficil a esse homem desleal o achar quem o servisse amplamente [no empenho que tanto o interessava. O sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu, então residente em Minas-Geraes, accitando o convite e a protecção que lhe offerecia Rego, e não querendo perder o ensejo, que se lhe apresentava, de vingar a morte de seu pai, barbaramente assassinado pelos Lemes, transportou-se immediatamente a S. Paulo, e dirigiu sua queixa ao ouvidor da comarca, o Dr. Manoel de Mello Godinho Manso. Para tornar ainda mais odiosos os dous irmãos, comprehendeu na denuncia todos os crimes de que os accusava a opinião publica.

Não teve o accusador de recorrer nem á calumnia, nem a imputações vagas, para apresentar os Lemes como entes, cuja existencia desdourava a humanidade. Suas proprias accoes, testemunhadas mais de uma vez, provavão plenamente o estado de degradação a que havião chegado esses desgraçados, e reclamavão da auctoridade publica as medidas, ainda as mais violentas, que puzessem um paradeiro aos horrorosos attentados, de que se tornavão diariamente réos.

Na villa de Ytú, sua propria patria, havião elles, antes da sua primeira entrada para os sertões de Cuyabá, arrebatado, á força de armas, tres filhas naturaes de João Cabral, reservando duas para suas concubinas, e entregando a terceira para satisfazer o appetite desordenado de seu parente e amigo Domingos Leme da Silva. E como se não bastasse esse attentado, para saciar sua raiva, roubarão do mesmo Cabral uma filha legitima, que derão em casamento a Angelo Cardoso, e com ella em dote todos os bens do desventurado

pai. Cabral não podendo resistir á impressão de tamanho desgosto, perdeu a cabeça, e morreu no mais lastimoso estado de desesperação.

No sitio de Camapuan, suspeitando João Leme que dous Carijós, seus administrados, tivessem tratos amorosos com uma sua concubina da mesma nação, executou a morte destes tres infelizes, depois de os haver mandado confessar pelo padre Antonio Gil. Os dous varões, contra os quaes se exercia a sanha de João Leme, forão primeiramente castrados, e logo mortos e esquartejados pelas proprias mãos do malvado.

Em Cuyabá ingerião-se em todas as questões, e sempre as decidião pelas armas. Confiados em um sequito de criminosos, que se engrossava diariamente, tornarão-se verdadeiros regulos, e suas decisões tinhão o cunho de uma auctoridade, que ninguem ousava contrariar.

Aceita a denuncia, forão as deligencias da justiça executadas com tal segredo que nada transpirou. Nem os proprios Lemes sonhárão a trama em que devião se achar enleados, quando em Ytú esperavão pacientemente a remessa das encommendas a cargo de Sebastião Fernandes do Rego.

Tres mezes depois da recusa que haviam feito ao general, uma força de trinta homens marchou para aquella villa e emboscou-se nas suas proximidades, a espera da hora propicia para a captura dos dous irmãos. Esta força compunha-se de soldados da guarnição de Santos, e de algumas ordenanças das villas da Parnahiba e Sorocaba; e entre os officiaes que a commandavão, notava-se o sargento-mór Antonio Fernandes de Abreu. Com ella, partira de S. Paulo Sebastião Fernandes do Rego, o qual, precedendo de algumas horas a chegada do destacamento, dirigiu-se immediatamente á casa dos Lemes. A presença desse homem foi festejada pelos dous irmãos com as mais distinctas provas de amizade; e certamente elles não podião senão apreciar mais essa occasião de lhe testemuuhar seu reconhecimento pelos obsequios com que os havia honrado na cidade de São Paulo. Ampla ceia foi servida ao hospede, durante a qual se fizeram varios brindes provocados pela intenção de os embriagar, o que todavia não aconteceu. Alta noute, quando, já accommodados, reinava a maior quietação em toda a casa, dirigiu-se Rego ao cabide de armas, e descarregou-as todas. A esse tempo estava a habitação dos Lemes cercada pela tropa, e ao signal convencionado principiou o arrombamento das portas. Foi só então que os Lemes, despertando sobresaltados, reconhecerão a perigosa situação em que os havia collocado a traição de Rego. Apagarão immediatamente as luzes, e tomando uma resolução desesperada, romperão o cerco, por entre as armas inimigas, e se forão, a pé e descalços, caminho de Araraitaguaba. Dos seus escravos ficarão mortos cinco e prisioneiros sete.

Ao amanhecer, e com cinco leguas de marcha, chegarão a Araraitaguaba; e, mandando tocar caixas e clarins, reunirão seus sequazes e pozérão em alarme toda a povoação. Nessa attitude se conservarão por dous dias, ao cabo dos quaes, acossados pela força legal, que se havia consideravelmente engrossado, entranhárão-se pelos matos, deixando á entrada da picada, que abrirão, um letreiro com este convite ameaçador: « Se o ouvidor aqui vier, este é o caminho. » O ouvidor, que já neste tempo se tinha com effeito posto á testa da tropa, penetrou meia legua pela picada, e chegou ao acampamento, onde terião certamente ficado presos os Lemes, se advertidos a tempo, por uma sentinella avançada, se não tivessem posto em fuga. Toda a tropa dos Lemes ficou desbaratada, mais de setenta sequazes forão presos, os outros extraviárão-se.

Vinte e seis dias estiverão os dous irmãos perdidos pelos mattos, sem que qualquer delles soubesse o que era feito do outro. Foi então que João Leme, quasi morto a fome, poudo chegar ao sitio de sua madrinha Maria de Chaves,

á margem do Tieté. Esta infeliz mulher, receiando ficar incursa nas penas que, por edital, se impunha a toda e qualquer pessoa que desse abrigo aos dous irmãos, mandou immediatamente avisar o ouvidor, e este providenciou a proposito. Quando João Leme começava a tomar a comida que lhe preparara a madrinha, foi posta a casa em cerco. Esquecido do seu estado de debilidade, ergueu-se João Leme, rompeu o cerco e atirou-se ao rio; porém, ainda mais exausto de forças pelos ferimentos que recebeu nesta occasião, foi facilmente agarrado, não obstante nadar e mergulhar perfeitamente.

Os trilhadores mandados a procura de Lourenço Leme, encontráráo-nos finalmente em uma tapera de João Cardoso, tendo em sua companhia um unico bugre, que nunca o abandonára. Uma descarga de mosquetaria os matou ao mesmo tempo. Na communicacão, que, acerca deste acontecimento, fez o general ao vice-rei, afirmou elle, ou fosse de boa fé, ou fosse para cohonestar o procedimento violento dos trilhadores, que houve resistencia armada da parte de Lourenço Leme e do seu companheiro. Segundo outra versão, dormião ambos na occasião do encontro e nessa mesma situação forão mortos. Transportado a villa de Ytú, foi o cadaver de Lourenço Leme inhumado no cemiterio do convento do Carmo.

Menos infeliz que seu irmão, que não soffreu os tormentos da agonia, João Leme teve de passar pelas provas de um processo que o infamava. Conduzido á Bahia, o tribunal da relação desta cidade, confirmando a sentença de primeira instancia, o condemnou á morte, e lá o degolárão em alto cadafalso. Acabou arrependido de seus erros, tendo ainda a felicidade de receber, no seu momento extremo, essas pias consolacões, que só na religião se encontra.

Assim terminárão dous homens, que, nascidos nas primeiras classes da sociedade, e ambes casados e com filhos, desdourárão seu nome, envergonhárão sua familia e se cobrirão de opprobrio. A noticia de sua derrota, levada a Cuyabá, por carta do general Rodrigo Cesar de Menezes, foi acolhida com a satisfacção, que sempre acompanha o povo em um dia de libertação. O sequestro porém, á que se procedeu nos seus bens, não derão em resultado, senão a convicção de que tinhão sido presa da sordida cobiça de Sebastião Fernandes do Rego.

Estes dous infelizes, assim como o honrado Antão Leme da Silva e Hellena do Prado, erão filhos de Pedro Leme da Silva, cujo nome, inteiramente esquecido agora, é todavia digno de figurar a par do de Amador Bueno da Ribeira e de outros illustres Paulistas, celebres na nossa historia pela sua patriotica dedicacão. No decimo setimo seculo, quando os Paulistas, ávidos de conquistas, exploravão os sertões do Brasil, era Pedro Leme da Silva soldado de uma leva, que, muito antes da descoberta de Cuyabá, se achou nos Campos da Vacaria, entre o Paraná e o Paraguay. O commandante de uma força hespanhola, que ali se apresentou, com o intento, sem duvida, de impedir o ingresso desses tímiveis conquistadores, dirigindo-se ao acampamento paulista e fazendo observar ao capitão-mór da leva que aquelle territorio pertencia aos domintos do rei catholico, intimou-lhe não só a ordem de se retirar, mas tambem a de assignar um papel de reconhecimento em favor da Hespanha. Hia o capitão-mór paulista acceder a esta exigencia, quando, sahindo da fileira Pedro Leme da Silva, e protestando contra as pretencões do official hespanhol, declarou formalmente que os Campos da Vacaria pertencião á coróa de Portugal, e que, a despeito de seu capitão-mór, elle e seus camaradas sustentarião pelas armas esses direitos da mais legitima conquista: Todos, sem exceptuar o proprio capitão-mór, tomárão o partido do soldado; a força hespanhola retirou-se; e, se os Campos da Vacaria fazem hoje parte da provincia de Matto-Grosso, devemol-o a esse acto de heroica insubordinacão.

UMA LEMBRANÇA.

Os Ensaíos Litterarios, continuando na liça do jornalismo, vão

sentir um vacuo immenso na mórte prematura do Sr. Monoel Antonio Alvares de Azevedo, um dos seus mais distinctos, e zelosos collaboradores, que não poupou esforços, e cuidados para fadar-lhes um destino cheio de vida, e de esperanças.

Ainda nos primeiros arroubos de sua quadra infantil, quando sua intelligencia parecia apenas um botão, que lutava com as forças do tempo no seu desabrochar; fructos doces, e sazoados pendião copiosos de seus talentos, e fecundavão as paginas dos *Ensaio Litterarios*.

O gosto depurado pelas lettras ateou-lhe n'alma o fogo poético da imaginação, e promettia ao mundo litterario uma grinalda immarcessivel no orisonte do seu futuro esperançoso.

Suas producções, que ahi correm impressas, servirão para attestar o elasterio dos seus talentos, e erudicção, e avivar no volvêr dos tempos o nome glorioso desse joven, que fez honra á corporação Academica, e a mocidade brasileira.

Os *Ensaio Litterarios* muito lhe devem; e pois neste momento solemne, quando de novo vem reassumir o peso oneroso de sua alta missão, não podião deixar de imprimir em uma de suas paginas uma lembrança dolorosa do seu nome, que na Côrte, e nesta Capital já havia recebido as ultimas homenagens de Litteratos abalisados, e da mocidade Academica. E' um dever que cumprimos, traçando esta lembrança em signal de respeito, e gratidão aos serviços de sua intelligencia, e fazemos votos ao Creador pelo descanso de sua alma na mansão dos justos.

MINHA MORTE.

Já sonhei com as flores—uma rosa
Prendeu-me o coração noites inteiras,
Mas de dia—era a flor tão mentirosa—
Sorria-se de mim d'entre as roseiras!

—————

Já sonhei co'as estrellas—uma dellas
Parecia fitar-me á todo o instante:
Amei-a—ella seguio o seu caminho,
Não me queria tambem—a inconstante!

Já sonhei co'as mulheres — uma virgem
De meigos olhos, de fallar tão doce...
Perguntei-lhe se ella era o meu archanjo,
Poz-se a rir, nunca mais á mim chegou-se !

Quero agora sonhar co'a minha morte.
Não me ha de fugir, nem desprezar-me ;
Será ao pé de mim no dia extremo
E desde agora sinto, que ha de amar-me.

Não terei medo em vel-a—a minha amante—
Se desde já scismar em seus abraços ;
Oh ! serão fortes. de sumir a vida
Quando apertar-me nos seus tennues braços !..

Um beijo de queimar dar-me-hia noiva,
Se eu a tivesse um dia aqui no mundo :
Tambem a morte me dará um beijo,
Seu affecto por mim é tão profundo !

Ella—sim ; sabe amar profundamente,
Não illude á ninguem nos seus amores ;
Tem sido sempre assim, vence em constancia
Virgens, estrellas, e fugidas flores.

Quero pois scismar nella nos meus sonhos,
Nas horas da vigilia escandecido,
Quero fundir-me n'ella ainda vivo,
Quero dar-lhe um amor estremecido.

Quundo um dia vier—irei contente
Sellar na campa o voto de meu peito,
Dormirei no seu seio o sommo eterno,
Feliz em descansar no terreo leito.

Nem me perturbe a paz da sepultura,
Fingindo pranto em nome da saudade ;
Afeições—não as tem quando cadaver
Quem na vida só teve—a soledade.—

(Costa Carvalho.)

ESTANCIAS A LUA.

C'était dans la nuit brune
 Sur le chocher jauni
 La lunne
 Comme un point sur un i

(A. de Musset.)

Oh lua, com tua face amarellenta,
 Despertas um sentir que a alma me enleia;
 E's tão formosa, similhando um queijo.
 A face arredondada em lua cheia.

Ai! malditos poétas que te pintão
 A fronte pallida á cantar amores,
 Tu—matrona querida dos vadios
 Que no vinho s'esquecem de amargores.

E pois, oh minha dona, á ti meu canto,
 Que eu compul-o á dormir sobre a calçada,
 Ebrio sonho á walsar-me doudejando
 Na cabeça de nevoas tão pejada.

Arvoada ladainha dos amores
 De uma certa morena campanuda,
 E que linda moçoila a tal viuva,
 Desde os pés até a cabeça em tudo aguda !?

Era feia, por Deos, valha a verdade,
 No mais era meu anjo... anjo da guarda;
 Me dava de comer, se eu tinha fome,
 Cosia-me os calções e a rota farda.

Oh lua que saudade eu tenho della
 Nesta vida que levo pobrememente!
 Enojava, eu confesso, dar-lhe um beijo,
 Mas lavava-me o labio vinho quente.

Era a bella gigante pela altura,
 A bocca, orphan de dentes, mui rasgada;
 Tinha os olhos vidrados incoloros,
 A face assim um tanto achinelada.

Como era bella, e quanto eu a queria,
 Quando a burra era prenhe de dinheiro!
 E ella, a coitadinha, me adorava,
 E chamava-me as vezes : seu brejeiro!

E hoje vou curtindo frio e fome,
 Durmo ao vento sem ter onde me acoite,
 —E choro meu passado ... mas oh lua
 Já vai chegando o somno... Boa noite.

A. C. R. de A. Machado e Silva.

S. Paulo, julho de 1852.

S. PAULO. — 1852. — TYP. LIBERAL DE J. R. DE A. MARQUES.

(Impresso por D. da Cunha Pinheiro.)